

EU, PROFESSORA: UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA¹

Ilma Passos Alencastro Veiga*

Ao longo dos cinquenta anos de exercício docente, construí percursos diferenciados que, pouco a pouco, foram configurando uma trajetória contextualizada, delimitada pela sequência normativa do ciclo de vida pessoal e profissional. Analiso minha trajetória tomando como referências as contribuições de Huberman (1995). Nesse sentido, reconstruo esse ciclo de vida desde as influências do meio familiar e social vivido no cotidiano até o momento atual de minha trajetória profissional.

As marcas do processo profissional e da constituição da minha identidade docente, no tempo e no espaço, não foram forjadas nos caminhos do desânimo e da amargura. Encontrei ao longo da carreira obstáculos, conflitos, tensões. Enfrentei contradições. Mas, na trajetória, descobri novas trilhas, encontrei novas pessoas, novas formas de construir e socializar o conhecimento. Minha identidade profissional foi construída com atitudes tímidas, simples, solidárias, com serenidade e ética, de forma processual, cíclica, e não por meio de uma simples sucessão de fatos (HUBERMAN, 1995).

1 O despertar da profissão

Desde a infância eu nutria o gosto pelo estudo e pela sala de aula. Curiosa e interessada, procurava entender os mistérios da docência no convívio com minha mãe, professora de Desenho Industrial da instituição hoje denominada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

A experiência pré-profissional vivida na infância e parte da adolescência foi ampliada pelos estudos no Curso Normal. Já atuando como professora,

1. Discurso proferido por ocasião da outorga do Título de Professora Emérita, no dia 15 de março de 2010, pela Universidade de Brasília.

** Doutora (1988) e Pós-Doutora (1998) em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil. Professora Titular aposentada e Pesquisadora Associada Senior da Universidade de Brasília, DF. Professora do Centro Universitário de Brasília. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1B do CNPq (ipaveiga@terra.com.br).

ingressei no Curso de Pedagogia, momento em que as convicções ficaram mais claras e intensas.

2 O rito inicial

O primeiro contato com a escola e com a sala de aula foi permeado pela surpresa, alegria e expectativas. O “choque do real” foi o de adentrar a escola de meus sonhos. A escola caracterizada nos livros didáticos, a escola ideal. Fiquei deslumbrada com o contato com a sala de aula e com as crianças pequenas. De certa forma, foi um tempo de “tateamento”, de “descobertas” e de instabilidade, mas também marcado pelas tentativas de acertos, e também por erros. Enfrentava tensões e conflitos e me preocupava em criar uma imagem de sucesso, uma identidade carregada de credibilidade junto à minha área de atuação.

Nesse momento eu iniciava a constituição da identidade profissional. A identidade forjou-se na aprendizagem da docência, na aquisição de saberes específicos e pedagógicos provenientes da prática. O movimento-chave para a construção da identidade profissional no início da carreira transitou pela sobrevivência no espaço de exercício docente, ou seja, no Jardim de Infância de Aplicação do Instituto de Educação de Goiás, e pelo desenvolvimento profissional.

A oportunidade oferecida pelo mundo do trabalho e a necessidade de trabalhar, transformando-as em gosto pela profissão, foram os desafios iniciais que enfrentei como professora egressa do Curso Normal e estudante de Pedagogia.

Assim, os anos nascentes da minha vida profissional foram marcados por duplo aspecto comportamental, caracterizado pela sobrevivência na profissão e pela descoberta das possibilidades de pertencimento ao grupo de professores. A entrada na profissão docente, como em qualquer atividade humana, foi permeada pela individualidade e, muitas vezes, pelas relações sociais que o professor consegue estabelecer no local de trabalho. Houve um ritual de passagem da condição de aluna egressa da Escola Normal à de professora primária.

A trajetória profissional é um processo de ordem social. Não dependeu unicamente do esforço e do meu interesse, mas dos limites e possibilidades que me foram dados pelo contexto socioeconômico, político e institucional em que estava inserida. A concepção missionária e sacerdotal do magistério entrava em decadência, mas a do profissionalismo não se instalou, tendo a burocratização educativa gerado descontentamento, pois inviabilizava a autonomia do professor e tornava a remuneração precária.

3 A busca de segurança

O momento da estabilização ocorreu entre os quatro e seis de carreira (HUBERMAN, 1995). Nessa fase, percebi a transição entre o início da carreira e a estabilização, e a preocupação com o sentimento de pertença, procurando conhecer melhor as formas de ensinar e aprender, buscando inovações e aprofundando o conhecimento frente aos profissionais da área. Essa fase correspondeu ao período da aprovação em concurso público para o exercício da docência no ensino médio.

Os melhores momentos da carreira foram quando a estabilização foi alcançada: os projetos foram reconhecidos, o estilo próprio de ensino foi se construindo e os resultados do trabalho foram valorizados. Nesse período, recebi o título de “Professora do Ano” (1963), outorgado pela Secretaria de Estado da Educação de Goiás.

Lancei-me numa série de experiências profissionais, dinamizando as práticas nas escolas e na sala de aula, participando de trabalhos institucionais e acadêmicos, bem como investindo na formação continuada. Foi um período de busca de novos desafios e compromissos. O convívio com os alunos, o reconhecimento deles pelo trabalho e as atitudes positivas foram, para mim, um verdadeiro troféu, uma satisfação, uma sensação de estar cumprindo bem o papel de professora.

Minha identidade girava na esteira da consciência ingênua, influenciada pela preparação adequada de recursos humanos sob a ótica da concepção economicista de educação. Quando afirmo que a identidade é construída, significa dizer que ela não aparece de repente nem de modo isolado do mundo. A influência do contexto social ocorre também nos aspectos psicológicos das pessoas, no desenvolvimento da personalidade e na construção da identidade profissional.

4 A busca da diversificação

A fase da experimentação, diversificação e consolidação de um repertório pedagógico (de sete a 25 anos de carreira) foi marcada por certo nível de questionamento, face ao estado de precarização da escola e da baixa remuneração dos profissionais. A capacidade de divergir foi fortalecida. Essa postura levou-me a rever minha prática pedagógica e a enfrentar novos desafios nas relações institucionais, com o sistema educacional, questionando os problemas que impediam um desempenho melhor da escola e da universidade. Era a crise da sobrevivência profissional. Fui capaz de compreender que os processos de formação não se constroem apenas nos cursos frequentados em

escolas e universidades, mas também em outros espaços institucionais e sociais. A atividade docente associada à missão sacerdotal foi sendo compreendida gradativamente e substituída pelo conceito de profissão.

Puxando pela memória, relembro que foi ao longo do momento da diversificação que passei a viver outras experiências educacionais: de professora de Jardim de Infância e de Ensino Médio, eu assumi não só a docência universitária, como também cargos institucionais. Senti a necessidade de aprofundar os meus estudos em bases mais sólidas. Foi quando procurei me preparar para realizar o mestrado em educação na Universidade Federal de Santa Maria. Com o título de Mestre em Currículo de Nível Médio, adentrei mais fortemente na educação superior e na Secretaria de Estado de Educação de Goiás. Posteriormente, assumi a Coordenação Pedagógica do Departamento de Ensino Médio do Ministério da Educação, na implantação da Lei 5.692/71 junto às Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais e aos sistemas estaduais de educação.

Encontrei uma grande diversidade de atividades para cumprir. No processo, descobri novos caminhos e perspectivas e enfrentei lutas ideológicas. As atividades acadêmicas e institucionais ocorreram num determinado contexto, em função de objetivos a serem atingidos pelo governo. Fui-me tornando profissional nesta construção cotidiana e institucional, no espaço da sala de aula com meus alunos, nas reuniões de colegiado, junto a outros professores e no convívio com os funcionários e assessores do Ministério da Educação, nas assembleias do sindicato, nos movimentos grevistas e reivindicatórios, nos eventos científicos e em outros espaços. Enfim, em todos os lugares e momentos de conflitos mais intensos, especialmente. E foi nesse contexto conturbado que recebi a medalha Nilo Peçanha, outorgada pelo Ministério da Educação, pelas ações pedagógicas desencadeadas em prol do ensino médio e da educação profissional.

Na verdade, na fase de experimentação, de diversificação e consolidação, minha reflexão girava em torno da proposta da educação histórico-crítica vigente, fortalecida pelas leituras e discussões desencadeadas no programa de doutorado em Metodologia de Ensino, na Universidade Estadual de Campinas, como uma forma de melhorar as expectativas e enfrentar a diversidade da ação educativa. Meu compromisso fundamental buscava assegurar a apropriação crítica dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade. Nesse sentido, entendi que, tão importante quanto a consciência crítica e política, eram as práticas organizativas de apropriação do conhecimento, pois estas ocupavam um espaço também relevante. Compreendi que o SER PROFESSORA envolve o SER MILITANTE. São instâncias inseparáveis, representam o encontro do individual com o coletivo na construção da identidade pessoal e profissional do professor.

A ascensão vertical na carreira com o objetivo de atingir a categoria mais elevada, ou seja, professora titular, ocorreu na universidade, bem como na situação de pesquisadora sênior no CNPq. O exercício profissional e o processo formativo provocaram marcas identitárias significativas. Apropriei-me do trabalho docente com maior confiança para arriscar e testar fontes e objetivos de trabalho diversificados.

5 A serenidade como estado de espírito

A serenidade foi construída no decorrer da trajetória profissional. Representa um estado de espírito. Ela foi possibilitada “pela atitude mais tolerante e mais espontânea em situações pedagógicas. Há maior equilíbrio entre o ideal e o real” (VEIGA, et al., 2007, p. 65). Nesse sentido, o exercício profissional proporcionou-me maior segurança, tranquilidade, bem como a ampliação do espírito crítico e questionador. A análise realizada de minha trajetória profissional com princípio fácil, estabilização, diversificação, fases vividas de modo tranquilo, embora com momentos problemáticos, parece terminar bem. Esta fase corresponde ao período entre 25 e 35 anos de carreira.

6 O desinvestimento: desvincular ou reinaugar?

Orientada por essas atitudes, vi-me às voltas com a aposentadoria como um direito de me desvincular do mundo do trabalho. A aposentadoria não significou o meu afastamento de um espaço e tempo que me conferiram uma identidade profissional, mas, ao contrário, representou o reconhecimento e a minha auto-estima como professora na fase da maturidade. Dessa forma, para Loureiro (2007, p. 80), a aposentadoria docente é vista como

um dos fatores que podem deflagrar a consciência mais aguda da velhice chegando, chegada, conquistada, construída no percurso da vida que tenta driblar o tempo que passa e fazer-nos sempre jovens em qualquer etapa da vida (grifos meus).

Aposentei-me em 1994 da Universidade de Brasília sob a pressão de políticas governamentais.

Como Pesquisadora Associada Sênior da UnB, continuei meus compromissos acadêmicos com os orientandos de pós-graduação e pós-doutorado. Não me desvinculei. Fortaleci os projetos de pesquisa, assumi outros compromissos como professora visitante da Universidade Federal de Pelotas e da Universidade Federal de Uberlândia. Investi na organização editorial e ampliei o processo de publicação de novos livros, individuais e coletivos. Aceitei o convite para trabalhar novamente no Ministério da Educação,

envolvida com os projetos de expansão e melhoria do ensino médio e da educação profissional. Estava concretizada a minha reinserção no mundo do trabalho. Realizei o pós-doutorado em Formação de Professores na Universidade Estadual de Campinas, como meta do processo de desenvolvimento profissional docente.

O momento do desinvestimento profissional não ocorreu. Mesmo estando aposentada há 16 anos, continuo a exercer atividades profissionais tanto na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, quanto no Centro Universitário de Brasília, como assessora pedagógica responsável pelo processo de formação continuada de professores da Educação Superior. Nesse sentido, a fase final do ciclo de vida pessoal e profissional, na perspectiva de percurso harmonioso e sereno, ainda não se efetivou. Não encerrei a carreira. Prolongo e amplio minha permanência no mundo do trabalho. Em termos acadêmicos e pessoais, a preparação para o desinvestimento, como explicita Isaia, “[...] pode envolver um longo e produtivo tempo em que o adulto orienta, produz, engaja-se em novos projetos, mas simultaneamente começa, aos poucos, a distanciar-se do mando efetivo do mundo” (2001, p. 32).

O princípio fundante da minha identidade profissional é a capacidade de aprender para ensinar. Sob essa ótica, o balanço da minha vida pessoal e profissional começa a ser mais realista. Minha identidade engloba um outro elemento: o forjado no tempo de ser professora militante na maturidade. Foi difícil compreender a questão da minha identidade profissional “sem inseri-la imediatamente na história dos próprios atores, projetos e desenvolvimento profissional” (TARDIF, 2002, p. 107).

Não há como recuar quando as camadas mais pobres da população precisam de uma educação crítica e emancipatória e de qualidade para todos. Não há como desinvestir quando há a necessidade de formar professores militantes, capazes de educar crianças, jovens, adultos e idosos no bojo de uma educação democrática e cidadã.

Nas lembranças mais distantes da minha trajetória pessoal e profissional, estão marcadas muitas influências de vários professores e autores que me ensinaram a oportunidade de pensar e agir de forma diversa, compreender dimensões que me escaparam ou foram percebidas de forma simplificada. O amadurecimento profissional foi sendo construído gradativamente, com espírito de abertura, compromisso e responsabilidade.

Como reconhecimento aos meus mestres e inúmeros colegas de profissão, destaco quatro professores que exerceram influências em minha vida pessoal e profissional e que muito contribuíram para o aprofundamento das dimensões que constituíram minha identidade.

Os quatro professores tiveram um peso relevante e de qualidade na positiva estruturação das dimensões identitárias. Para rememorar-las, repensei a prática docente de cada um deles e, assim, construí as dimensões identitárias que fortalecem minha atuação pessoal e profissional.

A identidade profissional necessita da estética, ou seja, da beleza, da criação, da invenção. A estética como uma dimensão da identidade profissional amplia a compreensão do mundo acadêmico, os horizontes culturais e estéticos do trabalho docente. Compreendi que a estética é dimensão fundante da beleza de ser professora, para um trabalho docente que faz bem e que faz bem para o professor e para os alunos. Essa forma de interpretar a dimensão estética na constituição da identidade profissional foi proporcionada pela Professora de Desenho Industrial Julieta de Passos Alencastro Veiga, minha mãe, primeira professora concursada pela Escola de Aprendizes de Artífices de Goiás, hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

A dimensão da organização pedagógica mobiliza movimentos da estruturação do trabalho docente sob a ótica da reflexão sistemática. Significa assumir conscientemente a condução pedagógica no sentido de não apenas executar as ações docentes, mas também comprometer-se a realizá-las da melhor forma possível. Fica, portanto, evidente a importância da organização pedagógica do ensino, da pesquisa e da extensão. Essa dimensão foi fortalecida pela presença marcante da professora Floraci Amaral Rebouças, minha mestra no curso de Pedagogia realizado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Na dimensão humana, os focos estão voltados para a afetividade, para a sensibilidade frente aos alunos e aos colegas professores e funcionários. Há ênfase nas relações interpessoais, na importância do compartilhamento, no diálogo, nas negociações dos conflitos e impasses, na reflexão conjunta e solidária. Ser professora é, antes de tudo, ser uma profissional consciente da relação pedagógica que se estabelece entre ela e os alunos. Uma relação profissional, humana, carregada de afeto, de emoção. Significa voltar-se para dentro de nós mesmos e para as pessoas à nossa volta, a fim de resgatar as relações interpessoais, afetivas e a confiança em nós professores e nos outros. A ideia é tornar a professora sensível a si, aos alunos, colegas e funcionários, à humanidade, à natureza, ao mundo (AMORIM; CASTANHO, 2008). Sensibilizar o outro, a escola, a universidade, é o ideal perseguido pelo professor Indú de Miranda Ferrari, aposentado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio-Grandense.

A dimensão histórico-crítica situa a compreensão de ser professora a partir do contexto histórico. A identidade profissional é atravessada não só pelas relações históricas e sociais, mas também pela ética. Compreendi que a

dimensão histórico-crítica da identidade profissional contribui para reduzir o choque com a distância entre minhas expectativas de trabalho e as condições reais e objetivas da profissão docente. Ao procurar SER PROFESSORA, na conexão entre SER PESSOA e ESTAR PROFESSORA permeada pela relação com o mundo social, a história e a minha própria história, é que foi possível incluir mais um elemento na identidade profissional. A dimensão histórico-crítica atribui à natureza da profissão docente a qualidade de uma atividade pública a serviço dos interesses gerais da sociedade e dos valores éticos que a orientam. Nesse sentido, é necessário respeitar ao longo do processo as regras do direito e da ética. É com autoridade e rigor que o Professor Emérito Dermeval Saviani, da Universidade Estadual de Campinas, desenvolve o processo de formação de novos licenciandos, mestres e doutores. Com ele aprendi a assumir uma atitude crítica frente à profissão e à sociedade.

Para Huberman, a última fase é o desinvestimento, que pode ocorrer com serenidade e amargura. Da narrativa da minha trajetória no tocante ao desinvestimento, eu acrescento a possibilidade da reinserção, do recomeço e da reinauguração. O poeta Drummond de Andrade (apud MINAYO, 2002, p. 11) orienta para essa possibilidade nos versos de seu poema *Reinauguramos*:

Nossa idade – velho ou jovem – pouco importa. Importa é nos sentirmos vivos e alvoroçados mais uma vez e revestidos de beleza, a exata beleza que vem dos gestos espontâneos e do profundo instinto de subsistir enquanto as coisas em redor se derretem e somem como nuvens errantes no universo estável. Prosseguimos. Reinauguramos. Abrimos os olhos gulosos a um sol diferente que nos acorda para os descobrimentos. Esta é a magia do tempo. Esta é a colheita particular que se exprime no cálido abraço e no beijo comungante, no acreditar na vida e na doação de vivê-la em perpétua procura e perpétua criação. E já não somos apenas finitos e sós.

Sob essa perspectiva, eu optei pela reinauguração, pelo recomeçar uma vida após a aposentadoria “agora enriquecida com a experiência de longo tempo já experienciado: tempo de construção e sabedoria, de balanceamento de perdas e ganhos” (LOUREIRO, 2007, p. 83).

Ao concluir esta narrativa posso afirmar que não sou a mesma pessoa. Hoje consigo entender coisas que fazem parte de mim e que até então não sabia que faziam parte de minha vida pessoal e profissional. Percebo que sou mais analítica, crítica, acolhedora e mais consciente e com um olhar mais aguçado para enxergar a realidade e fazer a leitura de mundo.

Adentrei o universo de minha própria existência não apenas para reviver, lembrar, mas para reconstruir, repensar a trajetória pessoal e profissional nos tempos atuais. Não consigo prever com segurança o momento certo de

desinvestir. Considero que ainda não estou na fase de forjar o desinvestimento total. Eu preciso reconfigurar, reinaugurar a vida pessoal e profissional, enriquecida com a experiência longa de cinquenta anos de exercício profissional.

Agradeço as contribuições dos professores, alunos, funcionários e muito especialmente de minha família e dos amigos que acompanharam a minha formação e atuação docente, por meio de atitudes de estímulo, de apoio, de credibilidade e, até mesmo, pela maneira como os nossos relacionamentos e interações foram estabelecidos. Com vocês aprendi a ser e estar na profissão. E com vocês eu reinauguro minha vida pessoal e profissional, agora com um compromisso maior como Professora Emérita. Muito obrigada!

Referências

- AMORIM, Verussi Melo de; CASTANHO, Maria Eugênia. Da dimensão estética da aula ou do lugar da beleza na educação. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.) Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papirus, 2008. p. 95-111.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Reinauguramos. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 9-16.
- HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). Vida de professores. 2. ed. Porto, Portugal: Porto, 1995. p. 35-47.
- ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar. O professor universitário no contexto de suas trajetórias como pessoa e profissional. In: MOROSINI, Marília Costa (Org.). Professor do ensino superior: identidade, docência e formação. 2. ed. amp. Brasília: Plano, 2001. p. 29-35.
- LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. Posfácio. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; MOREIRA, Ana Maria Albuquerque; SOUSA, José Vieira; BORGES, Livia Freitas Fonseca; RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves de; PINHEIRO, Maria Eveline. Docentes universitários aposentados: ativos ou inativos? Araraquara: Junqueira & Marin, 2007. p. 79-88.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. A prática pedagógica do professor de didática. 10. ed. Campinas: Papirus, 2008.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro; MOREIRA, Ana Maria Albuquerque; SOUSA, José Vieira; BORGES, Livia Freitas Fonseca; RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves; PINHEIRO, Maria Eveline. Docentes universitários aposentados: ativos ou inativos? Araraquara: SP, Junqueira & Marin, 2007.

Recebido em: 26.05.2010

Aceito em: 29.07.2010